

EDITORIAL SOBRE FREI BERNARDINO

Frei Oton da Silva Araújo Júnior, ofm

A expressão “moral católica” costuma causar nos presentes certo desconforto, afinal, por séculos, a defesa de uma moral e de bons costumes passou a significar um modo puritano de entender a fé cristã, com temperos fortes de rigorismo, penitências austeras e uma ênfase excessiva no pecado, em detrimento da presença misericordiosa de Deus.

Após o concílio tridentino (1545-1563), a moral católica se solidificou em torno de manuais europeus e traduzidos – às vezes – para as línguas vernáculas. Cabia aos fiéis seguir o que lhes era apresentado. O clero era o fiel escudeiro de tal concepção: uma moral rigorista, punitiva, amedrontada por uma imagem de Deus que nada fazia lembrar da boa nova dos evangelhos. As pregações serviam para difundir o medo do juízo final e a necessária aproximação aos sacramentos, remédio eficaz contra as podridões do mundo.

O distanciamento bíblico e a aproximação ao direito civil deram o tom necessário para o surgimento de sistemas morais que elucubravam sobre o que é ‘mais provável’, ‘mais seguro’ de ser seguido na hora de agir. A consciência dos fiéis seria tão mais amadurecida e formada, quanto mais se adequasse a obedecer às leis predefinidas. “Moralista”, assim entendido, é alguém acima dos simples mortais, que aponta o dedo tendo plena certeza de que o seu modo é o mais correto e que tudo o que dele se distancia está automaticamente distanciado do ser e do querer do próprio Deus.

Dito isso, podemos situar a contribuição teológica do holandês, Bernardino Leers, - cujo centenário estamos celebrando – no confronto de tais mentalidades. O frade foi pego de surpresa quando o provincial lhe designou para se aprofundar em teologia moral, pois o jovem franciscano não estava de acordo com todo este modo triste de entender o agir cristão no mundo. Como teve liberdade para azeitar os estudos de moral com perspectivas advindas de outras ciências humanas, ao embarcar para o Brasil ao término dos estudos, já vinha com o coração mais atento e menos dogmático para com o povo.

A grande contribuição de Frei Bernardino para a teologia moral do Brasil foi ter feito um diálogo entre a reflexão moral acadêmica e a vivência concreta das pessoas, do povo-povão, como costumava dizer. Empenhou-se a escutar, a interagir e a considerar o mundo com a cabeça de um matuto de Minas. Isso não significava aplaudir todas as atitudes do povo, mas era preciso entendê-lo, mais que julgá-lo. A partir dali, fazer um caminho de fé.

Outra contribuição que é necessário destacar é a conciliação entre a vida espiritual, com seus ritos, liturgias e concepções, e a vida ordinária, com os filhos para criar, a conta para pagar, o analfabetismo e as doenças endêmicas. A fé apontava para uma aceitação resignada da vida, um sentimento de que nada se podia fazer para melhor a situação. O “senhor padre” tinha algo a ver com isso? Afinal, a maioria dos clérigos da época (década de 50), tinha uma concepção sacramentalista de sua atuação. Não lhes competia agir em assuntos que extrapolassem os muros religiosos.

As contribuições do Concílio Vaticano II, embora não tendo tratado especificamente sobre a teologia moral corroboraram as intuições de Frei Bernardino, ao propor reconhecer a vida cristã sob lentes mais positivas, convocando os cristãos a levantarem a cabeça e a se empenharem na construção de um mundo melhor para todos. O acesso à Sagrada Escritura fez desempoeirar a face de Jesus de Nazaré, que ‘passou pelo mundo fazendo o bem’, e que vocacionava seus discípulos a ‘irem e fazerem a mesma coisa’.

A moral renovada, a partir do Concílio, trouxe novos ares à teologia, não mais pautada no eternismo, mas nas vicissitudes históricas; não mais na verbosidade de impropérios, mas na graciosidade de Deus; não cristãos passivos e fatalistas, mas engajados na Igreja e na sociedade.

Frei Bernardino por mais de uma década conciliou a sala de aula, sobretudo na formação dos frades e o contato com as pessoas da zona rural, na chamada pastoral rural. Em tempos posteriores, mesmo não tendo abandonado a roça, já não tinha mais os mesmos acessos. Seus escritos começaram a surgir praticamente após essa primeira década. Era preciso ouvir primeiro, escrever/propor depois. Seu horizonte se alargou ao começar a lecionar na capital mineira pois, embora nunca tenha abandonado a pastoral rural, essa já se organizava com outros rostos e motivações.

Bernardino sempre foi um crítico das autoridades, fossem internas à vida franciscana ou relacionadas a bispos e políticos. Como temperamento pessoal, era firme e pouco maleável de suas convicções (para dizer o mínimo!). Exemplo disso é se dar conta de que chegou a Divinópolis em 1952 e deixou a cidade somente para ser sepultado, em 2011.

Sua moral propunha sempre a escuta do povo, fosse ele a senhora da roça, o estudante de teologia, os casais com dificuldades, os homossexuais, enfim. Insistia que nunca se devia propor um caminho ético de fé, sem antes ter escutado as pessoas em sua vivência concreta. O povo tem seu ‘jeito’, sua maneira de ver a vida e de nela achar a melhor forma de agir, de descobrir o bem possível naquele contexto.

A moral de Frei Bernardino é um moral de adultos, pessoas amadurecidas na vida e em sua fé, conscientes de que são iluminadas pela força do Espírito, mas sabem que é preciso arregaçar as mangas para que os sonhos se concretizem. O oposto disso serão modelos morais que desconsiderem a

realidade concreta, que prezem mais pela lei do que pelo amor, pela sisudez do que pelo humor, uma moral de cima para baixo, que ignora os fatores e as circunstâncias.

O ambiente em que Frei Bernardino desenvolveu seu sistema moral popular não existe mais. Não temos mais o contexto da década de 50. Os desafios atuais apontam para outras vias. Mas seu método continua vivo e igualmente provocador.

Por fim, e de modo sinfônico, podemos lembrar Francisco, o papa ‘do fim do mundo’, em oração pelo sínodo da família (2014), quando dizia que é fundamental a “escuta de Deus, até ouvir com Ele o grito do povo; escuta do povo, até respirar nele a vontade a que Deus nos chama. A par da escuta, suplicamos a disponibilidade para um confronto sincero, aberto e fraterno, que nos leve a ocupar-nos, com responsabilidade pastoral, das interrogações que esta mudança epocal traz consigo” (Francisco, 04.10.14). Frei Bernardino estaria de acordo, com certeza.